



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

AS REPRESENTAÇÕES DAS COMUNIDADES TRADICIONAIS DE FUNDO DE PASTO NAS IMAGENS PRODUZIDAS PELO INSTITUTO REGIONAL DA PEQUENA AGROPECUÁRIA APROPRIADA

Adriana Olívia da Silva (autora), Carla Conceição da Silva Paiva (coautora), Luzineide Dourado Carvalho (orientadora).

Universidade do Estado da Bahia – UNEB; adriel.olivia@hotmail.com

Resumo:

O presente artigo resulta de uma pesquisa em andamento cujo título é “Comunidade de Fundo de Pasto: Territorialidades Contemporâneas e as lutas pela Reapropriação Social da Natureza”, e traz por objetivo identificar as representações produzidas pelos atores sociais do Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada – IRPAA, sobre as comunidades de fundo de pasto. Para viabilizá-lo procedeu-se com levantamento bibliográfico e com a estratégia metodológica da Análise Crítica do Discurso (ACD), presente nas imagens dos materiais de formação oferecidos pelo IRPAA, durante os encontros de formação direcionados aos povos tradicionais de Fundo de Pasto das comunidades de Bruteiro, Ipoeira dos Brandões Mocó e Traíra, no município de Jaguarari, Território Norte do Itapicuru, semiárido brasileiro. Evidenciou-se com este estudo a presença da imagem como narrativa religiosa e libertadora, nos discursos, ações e materiais formativos da entidade pesquisada, traduzindo na convivência e na defesa da singularidade e da materialidade a representação do Fundo de Pasto como inclusão pelo processo de participação do tipo ativação, embora apareçam elementos que configuram inclusão do tipo apassivação por beneficiação. Conclui-se com esta abordagem que o movimento de desnaturalização das iconografias ocidentais ainda é um grande desafio, uma vez que os processos educativos promovidos pela entidade estudada, embora tenham por intenção a emancipação humana e a descolonização ainda apresentam elementos de colonização.

PALAVRAS-CHAVE: Território, Territorialidades, Movimentos Sociais, Reapropriação Social da Natureza.

1. INTRODUÇÃO

Nas palavras de Cavalcante (2005, p. 13) o “discurso instaura uma relação específica entre a linguagem e instituição” e a “política pode também ser definida como uma luta não só pela tomada e manutenção do poder, mas também pela tomada e manutenção da palavra”.

Nesta perspectiva o presente estudo buscou identificar as representações das Comunidades de Fundo de Pasto, nas imagens produzidas pelo Instituto Regional da Pequena



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Agropecuária Apropriada, entidade da sociedade civil organizada, que atua em todo semiárido brasileiro, com diferentes projetos, concentrando suas ações, nos últimos dez anos, no Território Sertão do São Francisco, estendendo também sua ação a outros Territórios de identidade como Território Norte do Itapicuru, onde realiza ações de assistência técnica, projetos de implantação de tecnologias apropriadas às necessidades do semiárido como cisternas de produção, barreiros trincheiras, Bomba d'Água Popular, barragens subterrâneas, tanques de pedras e barraginhas. Cada ação realizada pela entidade vem acompanhada de formação.

Com olhar voltado para estes processos educativos, mais especificamente para os materiais pedagógicos utilizados nestes momentos formativos, o presente estudo traz por lócus de investigação a Comunidade de Fundo de Pasto de Bruteiro, Ipoeira dos Brandões, Mocó e Traíra, no município de Jaguarari, Território de Identidade Piemonte Norte do Itapicuru, semiárido brasileiro, no qual o Instituto Regional de Pequena Agropecuária Apropriada (IRPAA) realiza intervenções junto aos comunitários de Fundo de Pasto.

Destarte, a abordagem busca responder a seguinte pergunta: Quais são as representações das Comunidades de Fundo de Pasto, nas imagens produzidas pelo IRPAA? Para respondê-la foi necessária a análise das cartilhas, painéis, panfletos, cadernos e apostilas disponibilizados pelo IRPAA. Assim a análise das imagens presentes nestes instrumentos formativos objetivou compreender o que são estes materiais, quando eles aparecem, como eles são utilizados, na tentativa de identificar as representações produzidas pelo IRPAA, enquanto movimento social de base, sobre a Comunidade de Fundo de Pasto.

A importância deste estudo prima, no campo social, por oferecer suporte as comunidade tradicionais de fundo de pasto, no tocante à avaliação do significado das intervenções realizadas pelas entidades junto à comunidade, como também na visualização dos sentidos atribuídos por cada entidade implicada com a comunidade. Além do mais, oferecer subsidio ao IRPAA para possíveis reflexões quanto às intervenções junto às comunidades tradicionais de Fundo de Pasto. E para o campo acadêmico um trabalho que discute demandas oriundas de um movimento de base que atua numa significativa área brasileira, na intenção de desnaturalizar o discurso do combate à seca, imprimindo novos sentidos como a convivência com o semiárido.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br



A metodologia de trabalho adotada para análise dos materiais didáticos do IRPAA foi a Análise Crítica do Discurso (ACD), ancorada na teoria das representações de atores sociais de Van Leeuwen (1993), cuja fundamentação é sociológica. Para Van Leeuwen (1993), a ACD deve considerar as relações entre linguagem, sociedade, ideologia e poder, pois o discurso pode ser configurado tanto como instrumento de poder e controle, como também construção social da realidade, assumindo uma forma de ação, como também de representação das práticas sociais. Fowler (1991, p.25, apud, NOVODVORSKI, p. 14) argumenta que a representação em todos os tipos de discurso conduz as ideias para serem comunicadas sem neutralidade, ou seja, com uma intenção pré-definida.

Neste prisma ancora-se a análise da imagem como narrativa ou ausência conforme Manguel (2001), como também a imagem como exclusão ou inclusão conforme teoria de representação de atores sociais de Van Leeuwen (1993). Segundo esta teoria uma imagem ou discurso pode representar os sujeitos ou realidades por meio de visões de exclusão ou inclusão. A visão de exclusão apresenta um discurso eminentemente excludente que pode ser por supressão, invisibilizando totalmente o sujeito ou por encobrimento em que a referência ao sujeito é pouco visível. A visão de inclusão pode ser do tipo ativação, em que os sujeitos possuem papel de agentes, ativos e dinâmicos; ou do tipo apassivação por sujeição em que o sujeito é tido apenas como beneficiário. A visão de inclusão pode ocorrer dentro de três processos: participação, circunstanciação e possessivação.

Nestas análises, foi dada atenção especial às cores e imagens utilizadas, como também à intencionalidade do uso de algumas expressões chave, que denotam os sentidos atribuídos pelos integrantes do IRPAA, ao semiárido e às comunidades de Fundo de Pasto.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

O território nasce com uma dupla conotação, material e simbólica, pois etimologicamente aparece tão próximo de terra-territorium quanto de terreo-territor (terror, aterrorizar), ou seja, tem a ver com dominação (jurídico-política) da terra e com a inspiração do terror, do medo.” (HAESBART, 1999, p.78)

Partindo desta reflexão de Haesbaert (1999), situando a palavra território na história brasileira, entende-se que esta sempre esteve associada ao terror do poder, da dominação jurídica. Souza (2009), afirma que é o poder que *a priori* define o território, “neste sentido a



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

dimensão política é aquela que antes de qualquer outra lhe define o perfil” (SOUZA, 2009, p.59). Todavia se o poder é tido como relação social então o território passa a ter uma conotação multifacetada. Nesta perspectiva pensar numa dimensão multi-escalar, possibilita a apreensão de diferentes territorialidades que se inter cruzam, se complementam, se opõem na construção infinita do território. Neste prisma, o conceito de territorialidade está intimamente relacionado com o conceito de território, pois, é um conceito que remete ao sentido de “argumento para a construção efetiva do território” (Haesbaert, 1999).

Ademais, várias territorialidades podem conviver num determinado território, pois enquanto que o território é ‘convivialidade’, ou seja, é a maneira de viver com os outros, territorialidade é ‘relação com a alteridade’ (BONNEMAISON, 1981). Assim, podem ocorrer processos verticais e horizontais de formação de redes no e com o território.

Para Milton Santos (1999, p.65), as Verticalidades estão impressas nas formas como o Estado e institucionalidades capitalistas, chegam ao território e com ele demarcam suas relações de poder, assim sendo, “na união vertical, os vetores da modernização são entrópicos”. Ferraro (2010, p. 115), argumenta que a imagem orientadora das ações destas institucionalidades junto às comunidades de Fundo de Pasto é a da modernidade que representa estes povos com a imagem do “Fundo de Pasto burguês”.

Em contrapartida, as horizontalidades, conforme Santos (1999,0p. 65), visam reconstruir a base comum através de normas locais ou regionais. Nelas estão imbuídas as ações dos movimentos Sociais que primam pela autoafirmação identitária e os direitos dos comunitários. É o que Ferraro (2010, p. 116) chama de “Utopia Comunitarista”, que visa “buscar ou manter o estado de pré-globalização” e traz por temas principais: “defesa do território, da caatinga e dos animais.

Se de um lado o Fundo de Pasto defronta-se com uma narrativa modernizante, do outro com uma narrativa comunitarista. E é justamente esta ultima que tem mobilizado os fundos de Pasto no tocante à defesa de seus territórios e singularidades. Manguel (2001, p.20) faz alusão a esta forma de visualizar o mundo por meio de narrativa: “estamos todos refletidos de algum modo nas numerosas e distintas imagens que criamos e imagens que emolduramos, imagens que compomos fisicamente, à mão, e imagens que se formam espontaneamente na imaginação.”

Ferraro (2010, p. 112), argumenta que “mesmo um projeto transformador pode requerer padronização de comportamentos e controle sobre seus participantes. Segundo o



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

autor, infantilizam os oprimidos e legitimam a tutela de seus libertadores.” Neste sentido ele entende que não faz sentido primar pela pluralidade e a diversidade com ações colonialistas que visam padronizar comportamentos e oferecer soluções unificadoras para realidades distintas. Em contrapartida Manguel (2001, p. 20) afirma que:

Construímos nossas narrativas por meio de ecos de outras narrativas, por meio da ilusão do auto reflexo, por meio do conhecimento técnico e histórico, por meio da fofoca, dos devaneios, dos preconceitos, da iluminação, dos escrúpulos, da ingenuidade, da compaixão, do engenho.

Com base na reflexão de Manguel, os significados das coisas, os sentidos, as imagens são construções coletivas que Bourdieu (1989) denominava como trocas simbólicas. Assim, estes processos educativos são carregados de simbologias de luta pela reforma agrária fundamentada nos pressupostos marxistas e do movimento camponês, mas também em anseios compartilhados pelos comunitários. Para Manguel (2001, p.21), “as imagens que formam nosso mundo são símbolos, sinais, mensagens e alegorias” as quais vão definindo os contornos e escrevendo os caminhos por onde percorrer.

Nesta perspectiva, ao tempo que promovem intervenções nas comunidades tradicionais, os militantes dos movimentos sociais reinventam a própria existência demarcando o próprio lugar no mundo, aglutinando resistência e re-existência em prol da substituição do ressentimento pelo sistema opressor pelo re-sentimento das próprias vidas, com novos sentidos, libertados da lógica dominante, conforme aborda Leff (2006, p 501):

Estes movimentos de Reapropriação são, ao mesmo tempo, movimentos de resistência e de re-existência. O que reivindicam não são apenas direitos à natureza, mas um direito de ser cultural. (...) Re-existem. Voltam a assumir sua vontade de poder ser como são; não como têm sido, mas como querem ser. Despertam seus sonhos, renascem sua utopias, para reinventar sua existência, para passar do ressentimento pela opressão ao re-sentimento de suas vidas.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Com base na análise dos materiais fornecidos pelo IRPAA, percebe-se na cartilha “Criação de Cabras” (IRPAA, 2001) a presença da imagem como narrativa de um lugar viável



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

com jeito próprio de viver, fundamentada nas escrituras bíblicas especialmente os livros que narram a história da libertação do povo de Deus: o pentateuco. Livros que embasam a chamada Teologia da libertação a qual mobiliza o povo para a construção do “Reino de Deus”, para a busca da terra prometida ou do paraíso aqui na terra, durante a existência material, em detrimento do pensamento teológico de bonanças futuras após a morte no paraíso celestial (BARROS, 2008). Esta imagem reflete tanto os militantes que se enxergam como líderes da história da salvação, como também os comunitários que são considerados, por estes, como povo de Deus em busca da terra prometida.

Nesta mesma cartilha percebe-se a representação das comunidades de fundo de pasto dentro das categorias exclusão/inclusão. No tocante à presença de bodes, plantas nativas, equipamentos para captação e armazenamento de recursos hídricos percebe-se a representação das comunidades de Fundo de Pasto por inclusão do tipo ativação por processo de participação, uma vez que a pecuária é indicada como atividade viável para este lugar e este povo e a cultura do guardar representada na imagem do umbuzeiro, das cisternas e dos barreiros de trincheiras revelando o aspecto participativo do povo de Fundo de Pasto na convivência com o ecossistema e seus desafios de semiaridez. A saúde dos animais ganha um destaque especial com várias páginas dedicadas aos cuidados com verminoses e outras doenças possíveis de atacarem os rebanhos.

Quanto à agricultura, a cartilha estabelece uma condição de ausência, conforme Manguel (2001) e de exclusão por supressão (VAN LEEUWEN, 1993) por considerar a prática de plantar inviável para esta região e o sujeito dependente das questões climáticas. Esta visão é reforçada com a história bíblica de Caim e Abel presente no livro do gênesis, capítulo 04, versículos de 1-16, seguida do comentário:

Esta história de Caim e Abel é bem conhecida como história de briga entre dois irmãos. Mas, esta também é uma história de briga entre um criador de ovelhas, Abel, e um lavrador, Caim. Já naquela época o criador tinha que ceder lugar para o plantador como, aliás, acontece ainda hoje: quantas vezes a criação de cabras tem que dar lugar a projetos de irrigação. Deus aceita a oferta de Abel e rejeita a de Caim, Por quê? É porque a lavoura não dá segurança para se viver bem. Sempre tem risco de uma seca ou que a terra fique esgotada depois de uns anos, como também acontece no Nordeste.

Neste sentido as comunidades de Fundo de pasto são representadas na condição de inclusão do tipo apassivação por circunstanciação (VAN LEEUWEN, 1993). Além da agricultura outro elemento ausente é de referencia a questões urbanas. Não se vê nas imagens a presença de elementos ligados ao conforto proporcionado pelos avanços tecnológicos tais

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

como energia elétrica, antenas de televisão, água encanada... Estes são alguns dos elementos que já fazem parte da realidade de algumas comunidades de Fundo de Pasto como a de Bruteiro, Ipoeira dos Brandões, Mocó e Traíra.

Já na cartilha “A Busca da água no Sertão” (IRPAA, 2011), além do bode, as imagens trazem o porco e a galinha como possibilidade de criatório e inviabiliza a criação do gado bovino. A agricultura, neste material, aparece na última página como forma importante de sobrevivência. Embora ainda de forma tímida, percebe-se uma horta regada pela cisterna de produção. O elemento religioso também é muito forte nesta cartilha, contendo várias passagens bíblicas referentes à luta do povo de Deus pelo acesso à terra e à água. O texto Bíblico usado no início das reuniões como forma de oração revela este aspecto da imagem como narrativa religiosa:

1 - Ó minha alma, louve ao Senhor! 2 - Ó Senhor meu Deus, como és grande! 1 - Estás vestido de majestade e de glória, e te cobres de luz como num manto. 2 - Estendes os céus como se fossem uma barraca, e constróis a tua casa sobre as águas de lá de cima. 1 - Usas as nuvens como teu carro de guerra, e voas nas asas do vento. 2 - Fazes dos ventos os teus mensageiros, e dos relâmpagos os teus servos. 1 - Tu puseste a terra bem firme sobre seus alicerces, assim ela nunca será abalada. 2 - Cobriste a terra com o mar, como se ele fosse uma roupa, e as águas ficaram acima das montanhas. 1 - Porém, quando repreendeste as águas, elas fugiram; quando ouviram teu grito de comando, saíram correndo. 2 - As águas correram pelos montes e desceram os vales, indo para o lugar que preparaste para elas. 1 - Tu puseste um limite para as águas não passarem, para não cobrirem de novo a terra. 2 - Tu fazes surgirem nascentes, nos vales, e fazes a água dos rios correr entre os montes. 1 - Dessa água bebem todos os bichos do mato, e com ela os jumentos matam a sede. 2 - Nas margens dos rios, os pássaros fazem os seus ninhos, e cantam entre os galhos das árvores. 1 - Dos céus tu envias chuvas para os montes, e a terra fica cheia das tuas bênçãos. 2 - Fazes crescer capim para o gado, e verduras e legumes para o uso do homem, e assim ele tira da terra o seu alimento. 1 - Fazes a terra produzir o vinho, que deixa a gente feliz, o azeite que alegra e o pão que dá forças. 2 - Muita chuva cai sobre as árvores de Deus, sobre os cedros do Líbano, que ele plantou. 1 - Ali os pássaros fazem os seus ninhos, e as aves constroem as suas casas no seu topo. 2 - As cabras vivem no alto das montanhas, e os coelhos do mato se escondem nas grutas. 1 - Que os pecadores desapareçam da terra, e os injustos nunca mais existam.

Outro aspecto presente nesta cartilha é a possibilidade do uso das águas presentes nos lençóis freáticos. Nela também está presente a representação da família na luta cotidiana com a presença do homem, da mulher e da criança na lida diária. Enquanto na primeira cartilha havia uma dedicação aos cuidados com a saúde dos animais, nesta cartilha algumas páginas são reservadas para o cuidado com a saúde humana, principalmente no tocante à utilização da água.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

A coleção infanto-juvenil “Terra para viver” (volumes 01 e 02), com ludicidade e criatividade traz imagens, cores, dizibilidades, sentidos e visibilidades que contam o outro lado da história brasileira, que fora silenciado pelo paradigma branco, europeu e cristão. Para início de conversa as autoras justificam o emprego de expressões no coloquial para ressaltar a importância dos outros povos na formação da cultura brasileira, minimizando a ditadura do império da língua portuguesa. Tendo por personagem principal o índio curumim de nome Tico, elenca as bandeiras de lutas populares dos movimentos sociais como o MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra), O movimento dos Atingidos por Barragens, os Fundo de Pasto, Movimento dos Pequenos Agricultores, o Movimento das Mulheres Trabalhadoras Rurais.

A equipe usa como estratégia de transmissão das informações históricas os “parênteses da Vó Jacinta” e desenrola a narrativa de ficção trazendo palavras chaves que atribuem a educação um aspecto contextualizado e embebido de intenções político-ideológicas. Neste livro, a religiosidade católica não aparece. São valorizados elementos da cultura e religiosidade de origem nativa e afrodescendente.

Quanto à representação de Fundo de Pasto o livro mostra a inviabilidade da criação do gado bovino e a viabilidade da ovinocaprinocultura. Aborda também a questão agrária e as terras devolutas, como também a origem do latifúndio no Brasil. A visão representada nestes livros revela uma imagem de inclusão, do tipo ativação por participação.

A Cartilha, elaborada pelo IRPAA, intitulada: Fundo e Fecho de Pasto: Nosso Jeito de Viver no Semiárido, em seu volumes 01, traz imagens de bode diante de um fundo verde da vegetação da caatinga, abelhas extraindo néctar da flor, Mulher e adolescente cultivando uma horta, menino colhendo umbu, comunitários em reunião de associação de fundo de pasto, mutirão refazendo variante, casa com calhas e cisterna. No volume 02, a capa traz um desenho representativo de uma comunidade tradicional de fundo de pasto onde aparecem: sede da associação comunitária, revelando a importância da organização coletiva, tecnologias de convivência como poços, cisternas individuais para o abastecimento da casa, cisterna de produção, barreiro de trincheira, barragem subterrânea, bomba d’água popular. Aparecem também carros, escola e igreja com cisterna, vegetação da caatinga preservada, agricultura e lá no fundo o sol. Nesta cartilha os comunitários têm acesso a informações importantes para a garantia dos direitos quanto a permanência em seus territórios, como a convenção 169 da organização internacional do trabalho, e a contraditória lei 12910/2013. Fala também da SEPROMI, Secretaria de Promoção da Igualdade Racial do Estado da Bahia e as políticas de

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

cadastro e certificação das comunidades de Fundo e Fecho de Pasto direcionadas por esta secretaria. Explica o passo-a-passo para a certificação e alerta sobre o curto prazo par esta certificação imposta pela lei 12910/2013. A narrativa aqui presente revela a resistência frente aos interesses do capital expresso nas iniciativas do estado. Aqui se tem a imagem como inclusão do tipo ativação por circunsntanciação.

O uso das cores, nos materiais supracitados, demonstram a preocupação destas entidades em mostrar um semiárido viável para viver com fartura, protagonismo, beleza e alegria, contrário às cores que remetiam à seca, à tristeza, à morte, à penúria, à miséria, à feiura e à inviabilidade da vida por ser considerado um lugar inóspito (MALVEZZI, 2007). Nesta perspectiva Manguel (2001, p. 50) assinala que “atribuímos às cores tanto uma realidade física como uma realidade simbólica”

Portanto num território como o das Comunidades de Fundo de Pasto, podem estar imbricadas diferentes territorialidades: as do povo tradicional que nele e com ele habita, as das institucionalidades governamentais que inscrevem seu domínio dentro de um regime regulatório, as dos movimentos sociais de cunho religiosos que chegam com territorialidades delineadas pela autoafirmação como líderes do povo de Deus na luta pela Terra Prometida, reconhecendo os povos tradicionais como o povo de Deus, como também ONGs de caráter não confessional, mas que estão imbuídas de territorialidades demarcadas por fortes questões ideológicas e políticas contra a opressão e a marginalização dos povos tradicionais diante dos ditames do sistema econômico vigente.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O movimento de desnaturalização das iconografias ocidentais que têm assumido posição hegemônica diante dos diversos simbolismos presentes nos diferentes modos de vida como o dos povos tradicionais de Fundo de Pasto, ainda apresenta-se como um grande desafio. Sobre projeções e rupturas iconográficas Barros (p. 193) em consonância com Debray (1993, p. 91) afirma que em cada período histórico inscreve-se um inconsciente visual que determina os cânones da representação figurativa.

Neste sentido, embora o Estado tenha assumido a retórica que visibiliza as singularidades destes povos, nas ações políticas tende a homogeneizar e a caracterizar os



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Fundos de Pasto como passíveis e carentes do desenvolvimento e do progresso, assumindo a barbárie da negação da diversidade.

Quanto ao IRPAA, a retórica e as ações tendem a valorizar os sujeitos como protagonistas de sua libertação e existência, primando pelo ‘envolvimento’ em detrimento ao ‘desenvolvimento’ (VIANA, 1999). Todavia, ainda apontam elementos que se aproximam da colonialidade, em especial quando a interferência na vida dos comunitários tem por base conclusões que tendem a padronizar as formas de atuação com a terra e com o ecossistema, onde por vezes aparece a contradição do semiárido como lugar inviável para a agricultura.

O elemento religioso de ordem ocidental também é sinalizador para uma reflexão com relação a este aspecto colonial, pois é marcante a narrativa cristã em boa parte destes materiais, exceto nas produções mais recentemente, nas quais se pode perceber a presença e valorização de simbologias nativas e afrodescendentes com elementos da fé e da religiosidade dos povos silenciados e invisibilizados ao longo da construção da história brasileira.

REFERÊNCIAS

BAHIA / BRASIL. Constituição do Estado da Bahia de 1989. Disponível em: <http://www.mpba.mp.br/institucional/legislacao/constituicao_bahia.pdf>. Acessado em: 10.07.2014.

BARROS, Armando Martins de. Educando o olhar: notas sobre tratamento de imagens como fundamento na formação do pedagogo. In: Samain, Etienne (Org.). O fotográfico. 2 ed. São Paulo: Editora Hucitec/ Editora Senac, 2005.

BARROS, Luitgard Oliveira Cavalcanti. **Juazeiro do Padre Cícero: A terra da mãe de Deus**. Fortaleza, Imeph, 2008

BOURDIEU, Pierre. O Poder Simbólico. RJ: Memória e Sociedade 1989.

BOURDIEU, P. PASSERON, J.C. A Reprodução: Elementos para uma teoria dos sistemas de ensino. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

CAVALCANTE, Maria do Socorro Aguiar de O. As malhas de discursos (re) veladores. Maceió: EDUFAL (2005).

DUBOIS, Phelippe. Cinema, vídeo, Godard. São Paulo: Cosacnaif, 2004.

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

IRPAA, Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada. Cabras e Ovelhas: a Criação do Sertão. 4º Ed, Juazeiro, 2001. Disponível em <<http://www.irpaa.org/publicacoes/cartilhas/criacao-de-cabras.pdf>>

IRPAA, Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada. A busca da água no sertão. 5ª Ed, Juazeiro, 2011.

IRPPA, Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada. Terra para viver, Juazeiro, 2010.

IRPPA, Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada. Fundo e Fecho de Pasto: Nosso jeito de viver em nosso território, vol 01.

IRPPA, Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada. Fundo e Fecho de Pasto: certificação da comunidade tradicional de fundo ou fecho de pasto, vol 02.

LEFF, Enrique. Racionalidade ambiental: a reapropriação social da natureza. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

MALVEZZI, Roberto. Semiárido. Uma visão holística. Recife: Imprinta Express, 2007.

MANGUEL, Alberto. Lendo Imagens: uma história de amor e ódio. 5ª ed, São Paulo: Companhia das Letras, 2001

NOVODVORSKI, Ariel. Representação de atores sociais. In: Magalhães, Célia (Org.). Representação social em corpus de tradução e mídia. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

VIANA, Virgílio M. **Envolvimento Sustentável e Conservação das Florestas Brasileiras**. Ambiente & Sociedade, Ano II, nº 5, 2º semestre, 1999.